

O pensamento como dispositivo de contiguidades

Explicitando seu propósito de escapar das abordagens que privilegiam o horizonte ótico, Jacques Derrida lembra que o espaço não é apenas o que é visível, mas é também a instância em que ocorre o pensamento da/sobre a obra. Ao negar o pensamento como uma acumulação tranquila e positiva, assume a desconstrução das artes visuais em proveito das artes do visível¹. Assim, a linguagem que se abre para as artes não verbais configura-se como algo que se faz presente e dá a ver, através de um jogo de montagens, combinações e contiguidades. Por sua vez, Agamben permite reconhecer a linguagem num campo em que o próprio pensamento é construção, ao mesmo tempo, de clausura e escapatória. Eis a noção de dispositivo² que acolhe o pensamento artístico como uma potência que luta contra os clichês e uma instância operatória que faz surgir uma presença que é também uma diferença.

Neste número da **Revista Palíndromo** podemos compreender como o pensamento sobre a arte constrói espaços e dá a ver contiguidades temporais (que aqui vão do romantismo às vanguardas) e experiências estéticas diversas (que aqui incluem certas compreensões contempladas no origami, numa troca de correspondências, nas estratégias de um do e-book ou de um jogo digital). Em cada um destes artigos destaca-se o pensamento como um movimento que sempre pode ser feito, produzindo combinações imprevistas.

Através dos diferentes textos que aqui comparecem, o pensamento é ele próprio um dispositivo destinado a produzir efeitos, articulando-se numa rede cujos elementos encontram-se numa relação de forças e saberes. Pensar a obra de arte e os fenômenos estéticos que tangenciam o fenômeno artístico pode ser, então, um modo de interrogar as subjetivações, restituindo outras potencialidades anuladas, anestesiadas ou esquecidas, reencontrando sua dimensão ressonante.

Articulando moderno e contemporâneo, o primeiro artigo aborda as imbricações entre o romantismo e a arte conceitual através dos pressupostos da subjetividade, liberdade e originalidade, bem como da força da natureza e das emoções. O artigo seguinte propõe um percurso do moderno ao contemporâneo, através da noção de belo e de sublime, tal como pensado por Edmund Burke, Kant e Lyotard. O próximo estabelece uma relação entre o grupo de vanguarda soviética Inkhokh e a ampliação do entendimento de produção coletiva, revolução política e ativismo artístico. Depois,

1 Jacques Derrida. *Pensar em não ver, escritos sobre as artes do visível*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2012.

2 AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2010.

considerando os trabalhos de Marcel Duchamp, são abordadas as implicações conceituais entre arte, objeto artístico e artista.

Recorrendo a dois procedimentos que aparentemente não se relacionam ao mundo da arte, comparece um artigo que trata do origami como manifestação artística que abrange noções de coletivo, módulo e construção híbrida. O manuscrito seguinte enfoca as questões de planejamento urbano e expressão territorial através de quatro cartas consideradas um modo de gerar novas experiências perceptivas e estéticas.

Por sua vez, relacionando os fenômenos estéticos ao mundo da tecnologia computacional, o penúltimo artigo considera as estratégias para definir a linguagem visual do livro infantil em ambiente digital. E o último texto então considera o jogo digital como um dispositivo de fruição para além dos limites pictóricos, a partir do repertório visual de Hieronimus Bosch apresentado no Museu Boijmans, em Roterdã.

Cabe lembrar que, embora aquilo que Derrida denominou artes do visível não possa ser tratado entre si como mera equivalência, podemos reconhecer sua condição de equipotência, ou seja, algo a ser pensado como singularidade sem hierarquia nem precedência, um extra que consiste e insiste na resignificação do signo e, como tal, persiste e segue incessantemente criando novas articulações e desvios.

Rosangela Miranda Cherem

Conselho editorial